

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Nádia Cristina de Azevedo Melli

Escola Técnica Estadual Sylvio de Mattos Carvalho

Matão/SP

2018

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistador: Rafael Aparecido Aguirre

Instituição: Escola Técnica Estadual Sylvio de Mattos Carvalho, em Matão/SP

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Elaboração do roteiro da pesquisa: Rafael Aparecido Aguirre

Local da entrevista: residência da entrevistada em Matão/SP.

Data: 7 de setembro de 2018

Técnico de gravação:

Duração: 31 minutos e 15 segundos

Número de vídeos: um

Transcritor: Rafael Aparecido Aguirre

Número de páginas: 13

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, durante as capacitações Clube de Memórias XXIX e XXX, propostas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação

Profissional, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre agosto e dezembro de 2018.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: dezembro de 2018

Nome do transcritor: Rafael Aparecido Aguirre

RAA: Boa noite! Sou o professor Rafael Aguirra, sou docente na instituição Etec Sylvio de Mattos Carvalho, aqui da cidade de Matão. Hoje é dia 07 de setembro de 2018, 21 horas, e eu estou aqui com a professora Nádia Cristina de Azevedo Melli, na residência dela, para entrevista do projeto coletivo História Oral na Educação: Memórias do Trabalho Docente. Nós vamos falar um pouco sobre as memórias do trabalho docente, e tentar resgatar os pontos mais relevantes durante a atuação da professora na Etec Sylvio de Mattos Carvalho, na cidade de Matão.

RAA: Boa noite, professora! Gostaria de agradecer a participação em nosso trabalho, poder contribuir com a história da educação e, em especial, na nossa instituição aqui de Matão. Eu gostaria que a senhora contasse um pouco da sua história de vida.

NCAM: Eu nasci na região sul, e vim para São Paulo quando eu tinha 12 anos de idade. Então eu tenho uma história bem diversa, aprendi muito sobre o sul enquanto eu morei lá, mas não conhecia muito sobre São Paulo. Quando eu vim pra cá, eu descobri esse Estado, todas as suas particularidades e as peculiaridades, e essa é minha história de vida, na verdade eu aprendi a conhecer as coisas que hoje eu trabalho, onde eu moro hoje, à partir dos 12 anos de idade.

RAA: E onde a senhora estudou o primário, segundo grau e superior?

NCAM: A minha história acadêmica, obviamente começou lá no Rio Grande do Sul. Minha vida acadêmica começou lá, então na época em que eu estudava era o pré-vestibular, não tinha os anteriores que hoje tem. Então eu comecei a estudar no Rio Grande do Sul, fiquei lá até a quinta série, que hoje eu acho que é a sexta série ou sexto ano... é diferente hoje o sistema. Mas eu vim para cá quando eu tinha essa idade, estava na sexta série, e continuei meu ensino à partir daí. Terminei o ensino médio, que na época não era ensino médio, era colegial. Depois eu fui para a faculdade, foi quando eu ingressei na área de informática, e à partir da faculdade eu fiz alguns cursos relacionados a isso; fui fazer uma especialização na minha área, Banco de Dados. Fiz outros

cursos de aperfeiçoamento, e fiz o meu mestrado também na área de Engenharia de Produção na USP aqui em São Carlos.

RAA: Fale um pouco da sua trajetória profissional dentro e fora da escola, sobre o processo de escolha dessa área de atuação, e quantos anos que atua na área.

NCAM: A minha trajetória profissional tem a ver com a influência do meu pai, que sempre esteve relacionado com ciências exatas, ele é economista; lá no Rio Grande do Sul ele fez a faculdade de economia, começou a trabalhar em banco, meu pai sempre trabalhou em banco e também ele é contador. Então, toda a minha vida eu vi ele falando sobre números, sobre coisas relacionadas a números, sempre ciências exatas. Isso acho que acabou me influenciando um pouco, e eu acabei partindo para a área de informática por conta disso também, porque é uma ciência correlata. Dentro da escola eu sempre atuei com a área de informática, a partir do momento em que eu entrei na Etec pelo curso de informática, eu fui me voltando para caminhos que sempre recorriam à informática. Hoje estou na área de Tecnologia Educacional, na área de ensino à distância, que tem um viés da área de informática, ou seja, eu não abandonei a minha área de natureza, a minha área natural, mas eu agreguei a educação, relatei com a informática e deu nisso, que é a Tecnologia Educacional. Fora da escola, eu fiz estágios e trabalhei em empresas grandes, como a Brahma e a Citrosuco, mas na área de exportação, não era especificamente na área de Informática, então é uma experiência que eu agrego à minha experiência, mas que não está totalmente relacionada à área de Informática. Quantos anos de atuação? Eu me formei em 2000, e a partir disso eu venho trabalhando dentro da Etec, e paralelo a isso, eu também ministrei aulas na área de Engenharia e na área de Informática em faculdades também, já passei por duas faculdades, uma eu permaneço até hoje. E agora estou como avaliador de curso superior no Ministério da Educação, então tudo relacionado à educação. Algumas coisas relacionadas à Informática, outras à Engenharia, e a maioria das coisas que eu faço relacionada à Tecnologia Educacional, tanto que eu estou agora como responsável por projetos no GEAD, que é o Grupo de Estudos de Ensino à Distância do Centro Paula Souza, que eu uso muito do meu mestrado que, apesar de ter sido na Engenharia de Produção, ele versou sobre tecnologia educacional, modelo de design instrucional, inclusive os testes, amostra, foi colhida na própria Etec, então tem todo esse enredo de educação, e o GEAD aproveita muito disso, hoje eu uso muito disso no que faço, na minha função no GEAD hoje como coordenadora eu uso muito do que vi no meu mestrado. Então essa é minha trajetória.

RAA: Então hoje não mais na sala de aula?

NCAM: Não mais na sala de aula. Nos bastidores, vamos dizer assim. Na Etec nos bastidores, atuando na coordenação e tal. Na faculdade sim, na sala de aula, e no MEC também nos bastidores, porque eu só converso com alunos de curso superior, mas eu não tenho contato via aula com eles, eu só converso através de entrevistas, que faz parte do processo de avaliação do curso em si.

RAA: E como foi essa mudança da dinâmica de sair da sala de aula, considerando a Etec, e trabalhar no projeto de educação à distância? Porque você vinha da sala de aula, foram vários anos na sala de aula, e de repente você saiu. Como que foi essa mudança?

NCAM: São coisas diferentes, mas elas se complementam. A experiência em sala de aula é importante, eu diria que é imprescindível, porque você vai lidar com professores agora de uma outra forma, sem ter essa visão que o professor tem em sala da aula. Como é que você lida com questionamento de aluno, com queixas de aluno, com queixas de professor até, como é que você faz essa gestão sem ter esse conhecimento empírico de sala de aula? É meio complicado, então estar em sala de aula é meio que um pré-requisito para, na minha opinião, tem gente que pensa diferente, mas eu tenho essa visão, é meio que um pré-requisito porque você precisa ter experiência de campo pra sentir as dores e as angústias e as felicidades, todas as emoções que um professor sente no seu dia a dia, pra lidar com elas, saber lidar com elas depois. Hoje eu atuo na área de ensino à distância, eu não tenho contato físico com aluno e nem com professor, mas eu consigo entender isso pelas mensagens que eles me mandam, por e-mail ou por whatsapp, eu consigo entender as angústias, tanto de alunos como de professores e, detalhe, que alguns alunos trazem uma história carregada de problemas ortográficos, isso quando se traduz no e-mail, fica difícil de você entender o que ele está querendo dizer. Às vezes a gente tem que pedir para o aluno reescrever o e-mail porque não dá pra entender o que ele quer, mas mesmo assim, por conta dessa experiência em sala, você consegue entender mais ou menos o que está acontecendo com aquele aluno para poder ajudar naquela escrita meio, vamos dizer assim, capenga, mas você entende por causa dessa vivência, você já conhece qual é o perfil do aluno, você já conhece as principais características desse aluno, então fica mais fácil. Então eu diria que são complementares, e que é uma evolução natural; você está na sala de aula, você quer fazer outras coisas também que têm a ver com a experiência de sala, e tem pessoas que querem ficar a vida toda em sala de aula, gostam de dar aula. No meu caso não, eu quis essa experiência da sala, mas eu queria algo mais também, que aliasse as duas coisas.

RAA: Então, por sua opção, você prefere ficar fora da sala de aula? Ligada à educação, mas de preferência nos bastidores como falou?

NCAM: É, exato. Porque hoje, a minha percepção, a minha ideia, é que dentro da sala de aula você tem autonomia como professor para fazer várias coisas. Mas tem algumas coisas que precisa vir de gente com autonomia maior. Então hoje, nos bastidores, na coordenação, eu consigo ser essa pessoa que consegue mudar algumas coisas que o professor não consegue. Elaboração de material, gravação de vídeo-aula, que estou falando especificamente do projeto que coordeno que é de ensino à distância, que a gente tem tudo isso, elaboração de material voltado pra ensino à distância, que é diferente do material presencial, a gravação de vídeo-aula, e ele precisa que seja assim, que é diferente do presencial. Então, eu preciso estar à frente disso tudo,

coordenando isso tudo, ao passo que, se eu estivesse em sala de aula e recebesse esse material, eu não ia conseguir mudar, porque não era a minha função essa elaboração e tal. Na coordenação eu tenho essa autonomia, então é importante, é interessante esse outro lado da educação, é isso que me encanta hoje, essa autonomia para poder mudar algumas coisas que eu acho que não estavam funcionando e que agora a gente está tendo... não sei se vai funcionar, mas a gente tem autonomia para tentar mudar, é isso que é legal.

RAA: E você acha, em sua opinião, que seria possível dar mais autonomia para o professor em sala de aula em algumas questões?

NCAM: Em algumas questões sim, só que essa é uma pergunta bem delicada, porque é uma pergunta muito rasa. É preciso que se conheça todo um contexto, porque a gente tem professores e professores. Tem professores novos que são inseguros, que precisam de um formato mais engessado, porque eles não têm uma segurança vinda de experiência, que permita com que ele inove ou que ele tenha algumas ações dentro de sala que ele não está preparado, e tem professores mais antigos, vamos dizer assim, mais experientes, que já se sentem seguros pra tentar alguma coisa diferente em sala. Porém, existe o lado também de professores mais antigos que não se deixam experimentar também. A questão da tecnologia é um exemplo disso, muitos professores mais antigos têm muita dificuldade em adotar a tecnologia dentro de sala, abandonar o giz e a lousa, não que isso tenha que ser abandonado por completo, mas pode ser uma das formas e não a única forma, e eu percebo que nesse sentido os professores mais antigos têm mais dificuldades. Então, não dá pra padronizar tudo, não tem uma resposta só essa sua pergunta, é preciso analisar o contexto e trabalhar de acordo com esse contexto.

RAA: E na sua vivência na sala de aula, você viu alguma mudança significativa no modo de dar aula durante a sua trajetória? Como era no passado, a gente ainda tem a configuração da sala de aula da mesma forma como sempre foi, vamos dizer assim, com carteiras enfileiradas, a lousa... como eu vi uma professora falando, a lousa continua soberana na sala de aula. É a mesma lousa, agora a gente tem lousas digitais e tal... na Etec ainda não, mas a lousa está lá, verde... o formato da sala é o mesmo. Você acha que isso tem alguma perspectiva de mudança?

NCAM: Então, embora muito se tenha falado, ou muito se fale ainda sobre novas metodologias em sala de aula, as metodologias ativas, as chamadas metodologias disruptivas, a gente percebe que ainda existe uma tendência de a lousa ser soberana. É difícil você partir para a prática dessas metodologias, a gente ainda tende a conhecer as metodologias, mas não utilizar muito, utilizar parcialmente, mas fazendo da lousa a principal, a estrela da sala de aula. Os professores, mesmo os que conhecem outros tipos de metodologias, como por exemplo, aprendizagem por projeto, baseada em problemas, rotação por estações e a sala de aula invertida, as pessoas conhecem, até participaram de alguns workshops, algumas oficinas, conhecem um pouco da prática, mas na hora de chegar na prática verdadeira mesmo, no dia a dia da sala de aula,

ainda usam muito mais a lousa do que deveria, entre aspas, mas é uma questão assim, como tudo na educação, ele precisa ser se sentir seguro para usar. Então eu acredito que esses professores ainda não estão completamente seguros. Um problema que eu vejo é a carga de trabalho muito alta dos professores, então, apesar de eles saberem como é que utiliza, eles não têm tempo para articular as ideias de forma que aquilo resulte em um modelo de aula que use esse tipo de metodologia, porque às vezes você consegue ter a ideia, mas não consegue por a ideia em prática por causa de implementação mesmo, falta de implementação; eu conheço muita gente que tem esse tipo de problema, tem ideias e tal, mas só consegue colocar essas ideias na hora de escrever um artigo científico, por exemplo, que ela precisa dos resultados daquilo, então ela faz uma experiência em sala usando umas dessas metodologias, colhe os resultados e escreve o artigo, aquilo não se torna uma prática na vida dela, mas a gente percebe uma evolução grande nesse sentido de uso de tecnologia por menor que seja, às vezes uma música, que a pessoa sai da lousa e coloca uma música, e coloca os alunos em círculo para discutir a música... um trecho de algum livro, alguma coisa assim. Percebo que os professores estão conseguindo se “desgrudar”, não é uma palavra muito bonita, mas é desgrudar mesmo da lousa e trazer isso de outra forma para o aluno. Até porque, o aluno está acompanhando essa evolução na área de informática, de informática não, de educação. Ele conhece, ele sabe o que está sendo falado. Não sabe no mesmo nível que o professor, mas ele ouve falar, ele vê, ele sabe, ele tem acesso a essa informação, então ele também se tornou um aluno um pouco mais exigente; ele é um aluno que sabe que a aula não precisa ser só giz e lousa, apesar que a aula com giz e lousa ainda é necessária, a gente não pode tirar a importância dessa aula, mas ela não é a única, conforme já falei... e o aluno sabe disso. Então esse aluno que está mais antenado, quer sabe mais das informações que rondam a área da educação, o próprio aluno, esse perfil de aluno, faz com que o professor tenha que pensar um pouco como ele vai entregar essa informação que posteriormente vai se tornar conhecimento na mente dos alunos.

RAA: No período em que você esteve em sala de aula, você acha que o sistema, as regras do sistema, vamos chamar assim, do sistema de educação ou da própria escola, eles dificultavam de alguma forma em colocar em prática essas novas metodologias ou um novo jeito de dar aula ou novos métodos que você, porventura, quis implantar e sentiu dificuldades com relação às regras, ao sistema, isso te dificultava em alguma coisa?

NCAM: Eu não passei por isso, eu nunca tive esse bloqueio na verdade.... nunca me bloquearam em nada. Na verdade, eu nunca fiz nada muito fora do que a gente já estava acostumado, então eu nunca fui assim, alguém que rompeu completamente com a forma tradicional de aula. No meu caso, foi uma evolução, foi uma coisa gradativa sem muitos sobressaltos, então eu acho que isso me ajudou na minha trajetória a não sofrer esse bloqueio. Mas eu tenho conhecimento de escolas, tanto públicas quanto escolas privadas, que não utilizam e não deixam os alunos, por exemplo, utilizar o celular e whatsapp, e a gente tem histórias e trabalhos científicos até, de grandes coisas que são feitas pelo whatsapp, pesquisas que são feitas, a socialização dessas

pesquisas dentro da sala utilizando o whatsapp, utilizando celular; o celular hoje é uma tecnologia muito bem vinda na educação, ele te abre portas dentro da aula, tem várias maneiras de usar o celular dentro da aula, e alguém, que não me lembro agora, já falou que, você tem uma série de limitações dentro de sala de aula, estrutura física e tal, quando há uma possibilidade de essa limitação ser rompida, que é o uso do celular, você simplesmente bloqueia, não quer usar, e foi um teórico da educação que falou isso e eu realmente não me lembro o nome dele agora, mas eu estava lá nesse congresso que vi, e faz todo sentido. Então você tem uma ferramenta que te permite abrir portas e porque você não conhece especificamente e porque você tem um pouco de medo e até uma insegurança de usar, até porque os alunos conhecem mais que os professores, normalmente, é isso que acontece, então o professor se sente acuado, ele se sente intimidado e ele fecha as portas pra essa tecnologia. Então esse é um exemplo do que você falou... não foi comigo, mas eu sei de gente que sofreu esse tipo de bloqueio sim.

RAA: E como que você chegou, professora, no Centro Paula Souza?

NCAM: Eu tinha acabado de me formar. Eu fiz minha graduação e estava naquele momento de procurar emprego; eu tinha feito o estágio e tinha trabalhado em empresa já, e fiquei sabendo da Etec, dos processos seletivos que a Etec normalmente faz, e eu nunca tinha pensado em ser professora, sempre pensei em trabalhar em empresa, e naquele momento em que eu vi aquela propaganda, eu vi o edital, pensei “ué, porquê não?” Eu nunca tinha olhado por esse ângulo, vou tentar, e tentei, passei no processo seletivo e acabei me afeiçoando às estratégias e foi ficando, e fui conhecendo mais da profissão, e isso me levou a outros caminhos, e seguir carreira acadêmica implica em fazer mestrado, doutorado e tudo mais, e se interessar demais pela área de pesquisa, e eu acabei me encontrando, principalmente na área de pesquisa, eu acho muito interessante a área de pesquisa que está atrelada, de certa forma, à trajetória acadêmica, que você segue outro caminho quando você vai para a área de empresa, a área da indústria, você procura outras complementações; a área acadêmica tem muito forte o foco em pesquisa, e isso eu gosto muito. E depois pegar essa pesquisa e colocar dentro da sala de aula aquilo que você descobriu, aquilo que você estudou, é muito gratificante. Então isso é o grande, o legal, o mais legal da área acadêmica você poder colocar, pegar essa teoria, testar, e colocar na prática da forma como você vê, acho que isso é legal.

RAA: Professora, e como a senhora consegue articular essa relação de trabalho, cotidiano familiar, lazer, filhos?

NCAM: É difícil, é bem difícil... principalmente, acho que o universo feminino ele é mais difícil que o universo masculino, mesmo depois de tanta conquista da mulher, ainda tem aquela dificuldade, porque a mulher tem que gerenciar mais coisas que os homens... isso é fato. Por exemplo, filho, o pai olha, ele assiste de certa forma, mas é a mãe que está lá na hora da prova... “fez a tarefa? não fez?”, então isso demanda mais da mãe mesmo. Conciliar tudo isso, ser mãe, mulher, profissional, demanda muito tempo e muita energia. A

minha sorte, isso trazendo para o meu universo específico agora, é que o meu marido entende isso, e ele é parceiro, a gente é super parceiro, então a gente divide tudo, a gente divide desde as tarefas da nossa filha, a gente divide as tarefas de casa... é lógico, a gente tem alguém que nos auxilia, porque não daria pra fazer tudo, dar conta de tudo, mas o que sobra pra gente fazer a gente divide, a gente divide conta, a gente divide tudo, porque não dá para fazer se não for desse jeito. Uma vez que a gente conseguiu estabelecer esse modelo, o resto é equilibrar; quando você vê que está pendendo demais pra alguma coisa, você “Opa! Deixa eu voltar um pouco porque não é saudável que eu me afunde tanto assim no trabalho... deixa eu voltar a minha atenção a um pouco de lazer, porque isso eu vou perder em saúde...”, então, essa percepção é importante para você ir equilibrando ao longo da sua vida. No momento em que você tem mais atribuições, que você precisa entregar um projeto, você precisa dar resultado, você precisa dar conta de metas, aí você pende para o seu lado profissional. Quando você percebe que a sua saúde psicológica está sendo prejudicada, você breca um pouco esse lado e vai para o lazer um pouco mais, e esse equilíbrio diário é a chave da saúde mental, saúde profissional. Não dá para ter isso sempre, é a vida moderna, a gente tem aí vários estudos falando que a vida moderna traz uma série de coisas, a depressão, você é psicólogo você sabe melhor que qualquer um... a depressão, o pânico, e tudo mais, são doenças que esse ritmo de vida imposto pela sociedade, pela nossa atualidade, vem mexendo na nossa rotina. Felizmente a gente já sabe disso, então, a partir do momento em que a gente sabe que existe esse problema, a gente precisa gerenciar esse problema, a gente precisa trabalhar em cima disso para equilibrar, acho que equilíbrio mesmo é a chave da questão.

RAA: Porque hoje mesmo a senhora concilia o GEAD, a família, filha, e o trabalho na universidade e no MEC. Tem bastante coisa...

NCAM: Tem bastante coisa. A minha sorte, vou chamar de sorte, mas é que são trabalhos conciliáveis entre si, no momento em que eu estava pleiteando esses trabalhos, eu já levei isso em consideração. Que são coisas que dá, dentro de uma engrenagem eles rodam de uma forma harmônica, porque tem coisa que não tem jeito, tem coisa que você tem que abrir mão mesmo por conta desse equilíbrio, você tem que ter essa visão mesmo: Dá para conciliar? O que isso vai me tomar? Qual é a porção de tempo? Qual é a energia que eu vou ter que gastar com tudo isso? E algumas coisas você realmente tem que evitar, não tem jeito, não tem mágica. O que sobra são as coisas que dá para conciliar, e você tem que ter essa percepção, se dá para conciliar ou não.

RAA: Quais são as suas perspectivas, social e profissional?

NCAM: As minhas perspectivas, eu não sei te falar detalhes, porque hoje estou em uma situação que eu me sinto confortável... então eu não tenho grandes sonhos agora, porque eu me encontrei em um momento que estou confortável com a minha situação. O que eu espero agora é dominar mais aquilo que eu faço, e crescer dentro disso, chega uma hora que você precisa buscar novas coisas pra agregar dentro daquilo que você já faz. É nessa fase que estou, é

nessa fase que eu já... não “domino”, porque é uma palavra até um pouco arrogante, mas vamos dizer que eu tenho experiência já; tenho uma experiência que eu gosto naquilo que eu venho fazendo. Então chegou a hora de, dentro daquilo que eu estou fazendo, agregar novas experiências, trazer novas coisas, ou evoluir nesse trabalho que eu já estou, então hoje minhas perspectivas são nesse sentido de conseguir trazer coisas novas, experiências novas, novos conceitos para aquilo que eu já estou desenvolvendo de forma a agregar... é isso.

RAA: E com relação à educação de uma forma geral? Como que a senhora vê a educação do período em que entrou no Centro Paula Souza, que começou a lecionar, percebeu alguma evolução com relação à educação no nosso sistema?

NCAM: O que eu percebi, é que assim, quando eu estudava, eu tinha uma visão da educação, era uma educação que a gente ouve falar muito, uma educação mais castradora, existia muito bullying nas escolas, por parte de colegas, e existia o assédio moral, que na época não era conhecido, mas existia com o aluno. Eu fui uma pessoa que sofri assédio moral, embora eu sempre tenha sido uma aluna do tipo que fazia tudo certinho, tirava boas notas, boa parte disso eu fazia justamente por ter medo de sofrer assédio moral... e sofri alguns. Depois disso, a educação começou a falar muito sobre o acolhimento do aluno, então mudou da água para o vinho e, na minha opinião, se perdeu um pouco nessa questão de acolhimento, exagerou um pouco. É preciso resgatar, e agora continuo falando da minha opinião pessoal, pode ser diferente e certamente vai ser, de algumas pessoas, mas a minha opinião pessoal é que a educação se perdeu um pouco nessa questão do acolhimento e precisa resgatar algumas coisas; nem tudo do passado, que foi feito no passado, era errado... alguns pontos, algumas questões eram importantes, por exemplo, a gente percebe hoje que o profissional professor não é valorizado nem por parte de outros professores, nem por parte do governo e nem por parte dos alunos, o professor é uma figura desmoralizada hoje. Na época em que eu estudava, esse professor, por mais que ele fosse desmoralizado por superiores, o aluno era uma figura que o respeitava. Então esse é um ponto, por exemplo, que a gente precisa resgatar, o aluno precisa valorizar o professor, olhar o professor não como alguém que detém o conhecimento, não é isso, mas como uma pessoa que está ali para ajudar e que merece respeito. Esse é um ponto que talvez seja o mais gritante de resgate que a gente tenha que fazer.

RAA: Teria algo mais que a senhora gostaria de acrescentar à nossa conversa, aos nossos estudos? Ao nosso projeto?

NCAM: Eu acho interessante essa visão de olhar ao longo dos anos o que aconteceu com a educação. Eu acho que sabendo da nossa história, do nosso histórico, a gente consegue entender onde é que nós acertamos, onde é que nós erramos, aliás, a educação é mestre em fazer isso de olhar para trás e tentar traçar perspectivas com base naquilo que foi feito lá atrás, então analisar e verificar o que deu certo e o que não deu e traçar novas trajetórias. Isso é

uma coisa contínua, ela nunca vai acabar, não pode acabar, inclusive, se acabar, acaba a educação. Então esse projeto, esse assunto que vocês estão trazendo à tona é muito importante para a gente não deixar morrer essa discussão acerca da educação e tentar sempre, sempre, e é o nosso desafio, é tentar sempre fazer emergir dessas histórias, dessas conversas, o que dá para resgatar e o que não dá para resgatar e precisa ser feito de novo. E assim a educação se renova a cada momento, então eu acho que é muito importante esse tipo de trabalho.

RAA: Então, finalizando nossa entrevista com a professora Nádia, gostaria de agradecer a participação e a colaboração com o nosso trabalho. Muito obrigado, e até a próxima!

Descritores

Rafael Aparecido Aguirre
Nádia Cristina de Azevedo Melli
Etec Sylvio de Mattos Carvalho
Matão
História de Vida
História Oral na Educação
Memórias do trabalho Docente
Profissão Docente
Centro de Memória

Dados Biográficos da Entrevistada



Nádia Cristina de Azevedo Melli - Mestre pela Universidade de São Paulo - USP (2010) na área de Educação a distância. Graduada em Tecnologia em Processamento de Dados pela Faculdade de Tecnologia de Taquaritinga (1998). Atuou como professora do curso técnico em informática da Escola Técnica Estadual Sylvio de Mattos Carvalho e dos cursos de Administração e Engenharia Mecânica e de Controle e Automação da Faculdade Anhanguera de Matão, além de exercer a função de tutora em disciplinas virtuais nesta mesma organização. Também atuou no Projeto "Materiais de Apoio Pedagógico do Curso Técnico de Informática e-Tec Brasil", promovido pelo Centro Paula Souza. Atuou como coordenadora de orientadores de aprendizagem no projeto Telecurso Tec, um projeto de ensino a distância voltado ao público do ensino técnico. Atualmente é responsável por projetos do GEAD – Grupo de Estudos de Ensino a Distância, do Centro Paula Souza, e também é avaliadora de cursos superiores pelo Ministério da Educação.

Dados Biográficos do Entrevistador



Rafael Aparecido Aguirra - Psicólogo pelo Instituto de Ciências Humanas da Universidade Paulista UNIP de Araraquara (2013). Pós-graduando do curso de MBA em Gestão de Pessoas pela Universidade de Araraquara - UNIARA e aluno do curso de Formação Pedagógica com Equivalência à Licenciatura em Disciplina Habilitada na área de Recursos Humanos. Foi psicólogo voluntário por dois anos na Associação de Combate ao Câncer, da cidade de Dobrada e recebeu o prêmio de “Melhor Pôster da Sessão de Psicologia Social da VIII Mostra de Trabalhos de Psicologia Social e Produção Científica em Psicologia”, pela UNIP Araraquara (2010). É professor na Etec Sylvio de

Mattos Carvalho, em Matão, lecionando as disciplinas: DTCC – Desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso e PCS – Práticas de Competências Sociais, do curso Técnico em Recursos Humanos, onde também desenvolve um projeto junto ao Centro de Memória da Unidade de Ensino.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem